

## **NO ENTRECruzAMENTO DE LINGUAGENS... A ARTE E O CORPO PARA PENSAR A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DO HUMANO**

Andrisa Kemel Zanella – UFPel

Lúcia Maria Vaz Peres – UFPel

Agência Financiadora: CAPES

### **Considerações iniciais**

Este trabalho pretende introduzir uma discussão sobre o Corpo Biográfico e o Imaginário na área da Educação. O intuito principal é trazer outras linguagens para pensar a formação humana. Neste caso, as reflexões aqui contidas resultam de uma pesquisa de doutoramento em um Programa de Pós-Graduação em Educação.

A tese teve por objetivo a realização de um estudo sobre as memórias do trajeto formativo inscritas no corpo de acadêmicas em formação inicial do Curso de Pedagogia de uma universidade pública do Brasil. Para efetivar este estudo, elaborou-se um plano de trabalho focado na biografização corporal pela improvisação teatral, centrada em um processo de narração de si, cuja base foi a expressão teatral. Nossa defesa foi de que a memória do corpo faz parte do trajeto formativo de cada pessoa, cujas experiências ficam registradas como uma escritura<sup>1</sup>. A somatória destas escrituras compõe o reservatório imaginário do ser humano, a qual foi visibilizada pelo gesto.

A empiria foi desenvolvida em seis encontros, com quatro acadêmicas, privilegiando o gesto como linguagem à biografização de si, num movimento de evocação das memórias dos acontecimentos vividos e visibilização das inscrições corporais. No decurso da pesquisa, foram usados dois tipos de registros: vídeo e diário da experiência. O vídeo foi utilizado para captar o máximo possível das manifestações corporais em cena e o diário da experiência para registrar o que foi sentido pelo corpo no decorrer do trabalho. A análise pautou-se na abordagem qualitativa a partir do seguinte: 1) análise descritiva e hermenêutica dos registros de vídeo, com base na interpretação dos gestos; 2) análise do diário da experiência em três etapas - classificatória, fenomenológica e hermenêutica; 3) convergência dos dados empíricos da pesquisa – dos núcleos simbólicos aos mitemas.

---

<sup>1</sup> Escritura, neste contexto, é entendida como os registros que ficam inscritos no corpo de cada estudante, no âmbito físico e psíquico, a partir das experiências vivenciadas no decurso de seu trajeto formativo de vida e que, de alguma maneira, refletem na sua interação com/no mundo.

Todo este trabalho, que ora apresentamos, investe na ideia de que o corpo é um saber relevante. Sabemos que ele tem sido esquecido e a nossa defesa é justo que ele deva ser “acordado” para pensar a formação humana de professores. Isto posto, dará visibilidade a outras linguagens, como a do gesto e da arte. Linguagens que são reveladoras de como cada sujeito se constitui no decorrer de sua vida, a partir das experiências vividas, em conexão com as heranças bio-psico-sociais herdadas de seus ancestrais.

Dessa maneira, atribuir um *status* ao corpo pode revelar outras maneiras de pensar e projetar nossas relações no mundo, a partir de um conhecimento imanente advindo da subjetividade corporal, contemplando as dimensões de um sujeito singular-plural<sup>2</sup>. Lembrando que, o conhecimento imanente (BOIS e RUGIRA 2006) está relacionado diretamente à experiência corporal imediata, embora seja uma matéria silenciosa em nível experiencial.

Os dois campos teóricos referenciais deste estudo - Corpo Biográfico (Danis Bois) e Imaginário (Gilbert Durand) mostram a importância da memória do corpo como uma matéria silenciosa, bem como sua relação intrínseca no viver e no agir das pessoas em seus fazeres. No caso estudado, nosso foco foi a futura professora.

A seguir passaremos a tecer questões pontuais sobre o tema.

### **As convergências entre Imaginário e Corpo Biográfico**

A abordagem do corpo neste trabalho está ancorada em uma concepção ampla, onde na tese abordamos vários autores (COURBIN, COURTINE e VIGARELLO, 2009; CREMA, 1998; LELOUP, 1998; LEROI-GOURHAN, 1965; PEREIRA, 2010; QUERÉ, 2008; SINGER, 2005). Faremos um recorte optando pela ideia de um corpo que tem biografia (BOIS, 2008a, 2008b) e como “habitação” (JOSSO, 2009), onde ficam registradas as experiências humanas.

Estas concepções em torno do corpo do ser humano reforçam o pressuposto de que a história humana tem uma inscrição individual e coletiva, à medida que trazemos todas as marcas ancestrais. É na conjuntura entre as intimações subjetivas e objetivas, entre os imperativos humanos a nível psíquico e fisiológico, imanes da espécie zoológica e o que provém do meio social, cultural e histórico

---

<sup>2</sup> Este conceito é embasado em Josso (2009) que designa a problemática existente entre a tensão permanente que advém das exigências do coletivo ao qual pertencemos e da evolução das aspirações, sonhos e desejos individuais.

que o Homem evolui e o imaginário é produzido. O imaginário, para Durand (1996, p. 65) “é o reservatório concreto da representação humana em geral, onde se vem inscrever o trajecto reversível que, do social ao biológico, e vice-versa, informa a consciência global, a consciência humana”.

As representações humanas, enquanto imagem pregnante de sentido, nada mais são do que

esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, como provou magistralmente Piaget, as representações subjetivas se explicam “pelas acomodações anteriores do sujeito” (DURAND, 2002, p. 41).

Desta maneira, podemos pensar o corpo como a inscrição viva e concreta do trajeto formativo de cada pessoa. Nesse sentido, é importante pensar que cada acadêmica, ao chegar ao Curso de Pedagogia, traz em seu corpo os registros de um vivido. Registros que compõem a dimensão biográfica do corpo e que são fundadores a nível físico, cognitivo, afetivo e psíquico do que elas se tornaram e vêm se tornando no decorrer de sua vida. Tudo isto integra o reservatório imaginário onde cada estudante busca suas referências para interagir no espaço em que está inserida.

Por mais que o corpo esteja presente, como bem evidenciou Josso (2010), em tudo o que elas fazem ao longo de sua vida, nem todas têm consciência do seu Corpo Biográfico, pois para acessá-lo e visibilizá-lo é necessário assumir uma postura de pesquisador de si, lançando-se a uma “garimpagem” minuciosa de seu patrimônio vivencial. Assim, eis a pesquisa de doutorado, que enfocou o Corpo Biográfico das estudantes do Curso de Pedagogia, a partir de um processo de evocação das memórias e re-(a)presentação do vivido por meio da linguagem gestual. Este direcionamento envolveu as experiências marcantes na vida do indivíduo, abarcando traços bio-psico-cósmico-sociais, históricos e também culturais da história de cada um, por meio do exercício de biografização corporal pela improvisação teatral.

Considerando que a improvisação teatral caracteriza-se por exercícios teatrais em que seus atuantes executam uma cena de maneira improvisada (DESGRANGES, 2006), defendemos que esta pode constituir-se numa linguagem de chegada ao corpo como matéria silenciosa. No contexto da Educação, promove o

desenvolvimento pessoal de cada pessoa, isto é, o enriquecimento dos meios de expressão, a partir de jogos de caráter dramático ou teatral, com foco voltado à criação no momento presente, valorizando as ações, os gestos, a maneira que cada um se envolve no ato de criação.

Pela improvisação teatral é possível desenvolver um trabalho de caráter experiencial, incitando o atuante a elaborar e exprimir “maneiras particulares de compreender o mundo, os acontecimentos cotidianos, tanto no que concerne à vida pessoal, quanto no que refere às questões sociais, coletivas” (DESGRANGES, 2006, p. 89). Faz-se necessário, então, inventar uma forma particular de compreender estas coisas, como também colocar a imaginação em ação, em um processo de invenção que concretizará uma determinada ideia em cena. Para isto, o ser humano busca, em suas experiências, no decorrer de sua vida, e que ficaram guardadas em seu reservatório interior, os elementos que lhe darão suporte para efetivar a criação em cena. Ou seja, pelo trabalho teatral mobiliza-se o corpo-memória (GROTOWSKI, 2010), através do exercício de imaginação simbólica, propiciando a re-(a)apresentação de sensações experimentadas anteriormente.

Nestas convergências entre o Imaginário e o Corpo Biográfico, encontramos o árduo trabalho de sistematização sobre este último, inicialmente elaborado por Danis Bois (2008a, 2008b) e, posteriormente, estudado por Marie-Christine Josso (2008a, 2008b, 2009, 2010). O Corpo Biográfico constitui-se na tecitura de três dimensões: **a vivência, a memória e o imaginário**, permeada por uma temporalidade, aqui nomeada como motores (a)temporais no trajeto antropológico. A ideia de motores (a)temporais é entendida como o movimento que o sujeito empreende ao garimpar seu reservatório imaginário com vistas à presentificação das memórias que foram significativas no decurso de seu trajeto de vida.

Vejamos o diagrama:

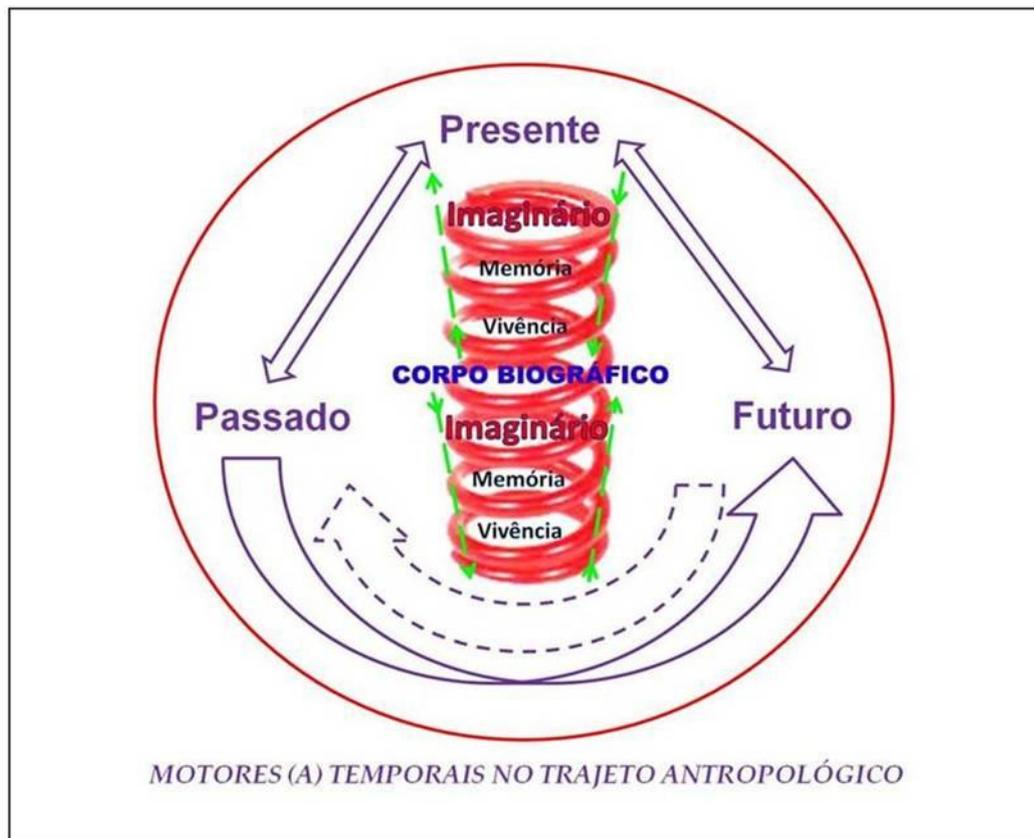


Figura elucidativa da relação entre a teoria de Danis Bois e a Antropologia do Imaginário: pontos de convergência entre o modelo teorizado por Danis Bois e o campo teórico do Imaginário

Para compreender o diagrama...

A vivência, na teoria de Bois, pode ser compreendida como a dimensão fundamental para o desenvolvimento de um trabalho focado no Corpo Biográfico. Na pesquisa de doutorado, ela é caracterizada pelo exercício de biografização corporal, enfocando a linguagem gestual como primordial na narração de si. A partir do momento em que se foca na relação entre a vivência e o Corpo Biográfico ancorada na teoria em questão, adentra-se na dimensão fenomenológica (dimensão sensível). Nela, o corpo não é meramente objeto, mas protagonista de reservatórios e memórias.

Desse modo, a vivência no contexto em questão caracterizou-se pela postura de sujeito ator-espectador que cada estudante assumiu durante o momento de experiência com o seu corpo, exigindo uma atenção voltada ao aqui-agora. Isto significou estar presente ao exercício corporal e a si mesmo o tempo todo. Foi o que aconteceu com as estudantes que participaram do estudo. Em cada encontro, foram

desafiadas a biografarem-se somente com a linguagem gestual, representando, em cena, momentos do seu trajeto formativo. Percebe-se que a partir do momento em que elas exercitaram seus corpos atuantes no seio da experiência, deixaram-se tocar pelo que foi significativo em suas vidas. E, assim, revelaram indícios que auxiliaram a perceber as inscrições em seus corpos. Assumiram o papel de sujeito consciente, pela percepção do que viviam e sentiam, deixando emergir da relação com o corpo as suas subjetividades corporais, que acionaram a memória, concedendo o acesso aos seus reservatórios imaginários.

Neste processo, tentou-se apreender suas memórias. Elas são um registro do vivido que assegura ao ser humano, não apenas a consciência da sua existência, mas, acima de tudo, representa a possibilidade de regressar e (re)criar os momentos que foram fundantes em uma vida. Em outras palavras, a memória comporta um caráter eufemizante, constituindo um dos caminhos para driblar o tempo e o destino. Na pesquisa de doutorado, significou a possibilidade de reencontro com um tempo vivido, experimentando uma relação experiencial com o corpo. Rompeu-se com a lógica temporal, buscando os acontecimentos significativos do passado, que marcaram cada uma. É fruto de uma criação que atribui uma espessura ao que foi vivido, a partir de uma esfera fantástica, desvinculando-se das ordens do tempo.

Neste sentido, a memória possibilita organizar, a partir de um fragmento, o conjunto que compõe o todo, impregnadas pelas significações do momento. Para Durand (2002, p. 403),

a organização que faz com que uma parte se torne “dominante” em relação a um todo é bem a negação da capacidade de equivalência irreversível que é o tempo. A memória – como imagem – é essa magia vicariante pela qual um fragmento existencial pode resumir e simbolizar a totalidade do tempo reencontrado (...) que motiva todas as nossas representações e aproveita todas as férias da temporalidade para fazer crescer em nós, com a ajuda das imagens das pequenas experiências mortas, a própria figura da nossa *esperança essencial*.

A memória é essa magia vicariante, à medida que possibilita ao ser humano, a partir de um processo (a)temporal, reencontrar-se com o que foi significativo em sua vida, em forma de imagens que remetem às experiências vividas. Imagens que atribuem um novo sentido ao tempo presente, renovando a esperança diante das adversidades de um tempo que a todo o momento relembra a esse ser, a sua finitude.

A memória, segundo Izquierdo (1989), é resultado das coisas que no decorrer da vida a pessoa percebe ou sente. Relaciona-se diretamente ao armazenamento e evocação, também chamada de recordação ou lembranças, de informações adquiridas pelas experiências vividas. A aquisição destas memórias chama-se aprendizado. Para o autor (1989, p.90),

o aprendizado e a memória são propriedades básicas do sistema nervoso; não existe atividade nervosa que não inclua ou não seja afetada de alguma forma pelo aprendizado e pela memória. Aprendemos a caminhar, pensar, amar, imaginar, criar, fazer atos-motores ou ideativos simples e complexos, etc.; e nossa vida depende de que nos lembremos de tudo isso.

Nesse sentido, a memória assume um papel fundamental, pois o armazenamento de tudo que aprendemos no decorrer da vida, em forma de lembrança, é fator determinante à evolução do ser humano. Assim, a aquisição de outras aprendizagens dependerá da memória produzida anteriormente.

Diante disso, é necessário também fazer outra ressalva: a não mobilidade de desejos e sentimentos ou mesmo a indiferença diante um fato vivido podem não ser incorporadas “como conhecimento e aprendizado” (BRANDÃO, 2008, p. 10). Isso geralmente repercute na não recuperação desse fato, pois ele não se transformou em memória de longa duração. Nesse sentido, podemos pensar que somente ficam gravados aqueles acontecimentos que tiveram um significado para a pessoa.

Do ponto de vista da memória autobiográfica em histórias narradas, a linguagem encaminha um processo de reflexão, compreensão, reorganização e ressignificação de trajetórias e projetos de vida e também de trabalho, numa articulação de memórias individuais e também grupais/coletivas, dando-lhes, conforme Brandão (2008, p. 15), um “sentido-significado”. Para ela, “essa história, que é nossa e dos grupos aos quais pertencemos, diz-nos quem somos, auxilia e fortalece a nossa identidade, ilumina nosso caminho na busca de sentidos para nosso ser-estar no mundo” (idem).

Conforme Izquierdo (2004), tanto a formação quanto a extinção da memória relaciona-se ao resultado de interação bioquímica que pode facilitar ou dificultar a cognição, o aprendizado, a utilização e a sua formação. O processo consiste em entender que tudo o que incide nos sentidos é reelaborado, podendo vir a ser uma aprendizagem e, conseqüentemente, uma nova memória.

Nessa perspectiva, o foco da pesquisa de doutoramento, gênese deste trabalho, foi direcionado às memórias de longa duração e declarativas de ordem episódica ou autobiográfica – ligadas ao período da infância em conexão com o momento presente. Este direcionamento teve como objetivo evocar os acontecimentos significativos desta época, buscando no gesto de cada acadêmica, indícios a evidenciar o Corpo Biográfico. Levou-se em consideração as tonalidades que perpassam o gesto durante o exercício de biografização corporal, como um indício de como determinado acontecimento tocou e reverberou na maneira como elas se constituíram no que são hoje. Esta abordagem efetiva-se como o caminho escolhido para acessar o reservatório imaginário de cada estudante, evidenciando o trajeto antropológico que compõe a sua história bio-psíquica-social. É neste ponto que se evidencia a relação Imaginário e Corpo Biográfico, pois o Imaginário permite acessar um conjunto de imagens, símbolos, crenças, valores, sentimentos, afetos, vestígios que constituem a história biográfica do indivíduo.

Para Durand (2002), o imaginário, vai se produzir na conjuntura entre o pessoal e o meio cultural, o subjetivo e o objetivo, constituindo-se na trajetividade entre o gesto pulsional e o meio material e social. São nos entrelaçamentos entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas que o imaginário ganha uma ancoragem corporal que se alicerça na ligação entre a motricidade primária, inconsciente e a representação.

A representação que é sempre uma re-(a)presentação do objeto ausente, parte de um trajeto antropológico que resulta da constante troca, ao nível imaginário, entre os impulsos subjetivos e assimiladores do sujeito e as intimações objetivas que partem do meio cósmico e social (DURAND, 2002). Neste trajeto, ela é

a afirmação na qual o símbolo deve participar de forma indissolúvel para emergir numa espécie de “vaivém” contínuo nas raízes inatas da representação do *sapiens* e, na outra “ponta”, nas várias interpelações do meio cósmico e social. Na formulação do imaginário, a lei do “trajeto antropológico”, típica de uma lei sistêmica, mostra muito bem a complementaridade existente entre o *status* das aptidões inatas do *sapiens*, a repartição dos arquétipos *verbais* nas estruturas “dominantes” e os complementos pedagógicos exigidos pela neotonia humana (DURAND, 2001, p. 90).

Na vida das estudantes pesquisadas, a expressão de suas linguagens – gestos e escritas no diário – foram reverberações das marcas impressas no corpo, nas quais estava subsumido o trajeto antropológico do *anthropos*.

Neste contexto, os gestos adquirem o papel de protagonistas do movimento de interação e simbolização do homem no mundo. Assim, a linguagem gestual apresenta-se como potente e detonadora de imagens que muitas vezes a palavra não consegue dar conta. Desta maneira, “o ‘corpo inteiro colabora na constituição da imagem’ e as ‘forças constituintes’ que coloca na raiz da organização das representações parecem-nos muito próximas das ‘dominantes reflexas’” (DURAND, 2002, p. 50).

Ressalta-se que os gestos são considerados, por Durand, como primórdios do imaginário. O autor, em seu livro “As Estruturas Antropológicas do Imaginário” (2002, p. 41), refere-se a Bachelard para evidenciar que

os eixos das invenções fundamentais da imaginação são os trajetos dos gestos principais do animal humano em direção ao seu meio natural, prolongado pelas instituições primitivas tanto tecnológicas como sociais do *homo faber*.

Isso significa que nossos gestos são construídos a partir das vivências no meio (social, cultural e histórico) no qual estamos inseridos, bem como pelo movimento subjetivo da relação do homem *com e no* mundo, a partir do pensamento simbólico. Cabe ressaltar que o ser humano também traz vestígios de gestos passados, seja do seu trajeto pessoal, seja do trajeto do *anthropos*. Por isso, a Antropologia do Imaginário defende que “qualquer gesto chama a sua matéria e procura o seu utensílio, e que toda a matéria extraída, quer dizer, abstraída do meio cósmico, e qualquer utensílio ou instrumento é vestígio de um gesto passado” (DURAND, 2002, p. 41-42).

A união entre os gestos e as representações acontece através do “*schème*”<sup>3</sup>, que é a generalização dinâmica e afetiva da imagem, promovendo a junção entre os gestos inconscientes da sensório-motricidade, as dominantes reflexas e as representações, sendo o esboço, ou mesmo, esqueleto dinâmico e funcional da imaginação, que constituem as principais classes de formação das imagens. O

---

<sup>3</sup> Traduzido em português como “esquema” (utilizamos neste trabalho as duas formas de escrita). Durand busca o termo em Sartre, Burloud e Revault d’Allonnes que beberam em Kant.

“*schème*” aparece como “o ‘presentificador’ dos gestos e das pulsões inconscientes” (DURAND, 2002, p. 60). É pela motricidade do corpo que Durand, conforme ressalta Teixeira e Araújo (2011), identifica a linguagem primeira do homem, o verbo, que nada mais é do que a expressão corporal de cada ser humano.

Desta maneira, o imaginário expresso na motricidade do corpo revela a dimensão fundante na constituição do conceito do Corpo Biográfico, uma vez que direciona a pensar o corpo como um manancial racional e não-racional de impulsos para a ação. Por ser possuidor de sentidos, emoções, sentimentos, afetos, imagens, símbolos e valores decorrentes do trajeto antropológico de cada sujeito traz os vestígios da história individual e também da história da humanidade. Estes são os fomentos dos reservatórios imaginários humanos!

Diante do que foi exposto e retomando a imagem do diagrama, a relação entre o Imaginário e o Corpo Biográfico na tese de doutorado, efetiva-se por uma ideia motora que agregou as outras dimensões que integram a constituição do conceito. Ou seja, sem uma vivência específica – o exercício de biografização corporal pela improvisação teatral – não haveria a evocação de memórias dos acontecimentos vividos e, conseqüentemente, não seria possível tentar visibilizar este imaginário e, por sua vez, problematizar o Corpo Biográfico.

### **Da relação entre Imaginário e Corpo Biográfico: uma amostra empírica**

Para exemplificar a relação entre o Imaginário e o Corpo Biográfico, trazemos uma amostra empírica. Esta amostra é resultado do processo de análise, mencionada no início do texto. Enfocamos o último passo da análise, ou seja, o mitema, como resultado da convergência dos dados empíricos, evidenciando, nesta escrita, o marco das conexões entre os campos teóricos do Imaginário e do Corpo Biográfico.

Cabe ressaltar que a ideia de “mitema” é baseada em Durand (1996) a partir de Lévi-Strauss que o definiu como uma espessa unidade constitutiva, uma espécie de “átomo” basilar à construção do discurso mítico. “É a menor unidade do discurso mítico que é redundantemente significativa, isto é, repetitividade” (TEIXEIRA; ARAÚJO, 2011, p.63). Não se reduz a uma única palavra ou mesmo sintaxe, constituindo-se por um conjunto semântico, abarcando a palavra significada, o atributo e o verbo. Assim, entende-se por mitema o agrupamento de palavras que de algum modo exercem o papel mitêmico. O mitema que para Durand (1996, p. 256)

“é o elemento significativo mais pequeno de um mito, caracterizado por sua redundância, a sua metábole”, é constituído por um “pacote de relações”, imbuído de significação impregnadas de filamentos condensados. Na tese o mitema representou o sentido latente subsumido na memória inscrita no corpo de cada estudante.

Diante disso, trazemos o mitema da estudante **Cm.**<sup>4</sup>: O DESEJO DO VOO NO CORPO-CATIVO. Este mitema agrega o dualismo da antítese presente na vida da estudante. Cativo está relacionado a um ser escravizado, apreendido, encarcerado, preso, dominado<sup>5</sup>. Estes atributos caracterizam-na como as experiências no decorrer do trajeto formativo de **Cm.** resultaram num aprisionamento interno que a faz servir e colocar-se à disposição, seja de um outro, ou de uma determinada situação. Porém, este mitema converte-se em um cativar, que abrange a ideia de atrair, encantar, seduzir, receber a estima ou simpatia, transformando o lado mórbido do ser aprisionado em um ser que cuida do outro e aprendeu a se satisfazer por este ato de doação. Doação que direciona o seu olhar sempre para fora e nunca para si.

Associa-se o sentido que perpassa o mitema a uma postura heróica que **Cm.** assumiu em sua vida para driblar o aprisionamento que a condicionou a uma determinada maneira de agir, fazendo-a aceitar tal condição de vida. A estrutura heróica gira em torno da luta constante do herói contra o monstro, hiperbolizada através de símbolos antitéticos que englobam a luta do bem contra o mal por meio de um combate das trevas pela luz e da queda pela ascensão, por exemplo (DURAND, 2002). Ela insere-se no Regime Diurno<sup>6</sup> das imagens, associada a uma dominante postural e gira em torno dos verbos de ação, separação, segregação. Esta estrutura centra-se em um personagem que com sua arma combaterá o monstro.

Percebe-se nos gestos representados por **Cm.**, durante o exercício de biografização corporal, que as repressões vividas ao longo de sua vida representam o monstro que hoje ela tem que combater para viver. Isto porque essas repressões levaram-na a assimilar uma forma de se colocar no mundo, atrelada a um corpo que

---

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que quatro foi o número de estudantes que participaram da pesquisa de doutorado, pois aceitaram o convite encaminhado por e-mail a duas turmas do Curso de Pedagogia. Foram nomeadas pela inicial de seus nomes: **L.**; **Cm.**; **M.**; **C.**

<sup>5</sup> Fonte: Dicionários *on line* - Michaelis e Dicionário do Aurélio

<sup>6</sup> Conforme o estudo realizado por Durand no livro “As Estruturas Antropológicas do Imaginário” (2002), a lógica dinâmica de composição de imagens organiza-se a partir de dois regimes, um diurno e um noturno, que são produzidos ao longo do trajeto antropológico a partir da conjunção entre o psicofisiológico e o sociocultural, desdobrando-se em três estruturas polarizantes: uma heróica; uma mística e, por fim, uma sintética.

está a serviço de alguma coisa. Por isso, a ideia de aprisionamento, relacionada ao corpo preso a uma situação de vida, mas que na sua expressão em outro contexto, como nos encontros, demonstra o desejo pela liberdade.

A espada, neste universo, pode ser vista como o elemento simbólico ligado ao mitema e que conjuga a luta do herói contra o monstro. A espada, segundo o dicionário de símbolos de Chevalier & Gheerbrant (2009, p. 392), representa a bravura, possuindo dupla função: de destruição e de construção. Símbolo do guerreiro é também associada à guerra santa. Também se vincula à justiça, pela imagem da balança, livrando o bem do mal e golpeando o culpado.

Nesse sentido, visualiza-se a espada como a postura que **Cm.** adotou em sua vida para conseguir driblar as dificuldades e adaptar-se ao que foi imposto, numa esperança latente de que a luz prevaleça sobre as trevas. A espada separa a figura da “dor” causada pelo aprisionamento que sente e que está atrelada a uma servidão, para neste ato de servir encontrar o conforto – representado na compaixão do outro pelos seus atos de bravura – que necessita para seguir a vida. O DESEJO DO VOO NO CORPO-CATIVO abarca um olhar sempre de dentro para fora, ou seja, não há espaço para manifestar os desejos, as vontades, as necessidades de si. Sempre que há o movimento contrário, há uma proibição que se acredita que esteja vinculada a uma solicitação que parte de si própria em relação ao que tem que cumprir, impedindo-a de continuar, fazendo-a parar e retomar o estado anterior.

No entanto, percebe-se que o exercício de biografização corporal pela improvisação teatral representou a possibilidade de, ao olhar para si, expressar livremente seus desejos, levando-a a se deparar com outro monstro: os medos que a envolvem e que talvez sejam a causa que a fazem continuar e aceitar sua condição de aprisionamento. Como se o confronto consigo mesma representasse seu maior inimigo.

Assim, observa-se em **Cm.**, a partir de suas memórias re-(a)presentadas, o registro de uma repressão que ficou inscrita em seu Corpo Biográfico. Repressão determinante na maneira como ela age cotidianamente e que foi relacionada a um corpo dócil, amoroso e também expressivo – como antítese de um corpo que poderia estar enrijecido. Cabe ressaltar que se associa essa repressão a **Cm.** não querer rememorar a infância, como um forte indício de que esta fase foi determinante do que hoje ela se transformou.

## **Algumas considerações finais**

Ao propormos uma discussão pontual sobre o Imaginário e o Corpo Biográfico, a partir do doutoramento, buscamos dar visibilidade para o corpo como um saber relevante a ser contemplado no contexto educativo, especificamente na formação. Em especial para este trabalho, com o intuito de fazer um exercício de entrecruzar a Arte e o Corpo para pensar a Educação e a Formação.

Sendo o corpo o “habitação” (JOSSO, 2009) que abriga a história do ser humano, em cujos gestos repercutem a história singular e plural, defendemos que ele – corpo – seja contemplado e escutado como uma matéria sutil e sensível, tão importante quanto às matérias pragmáticas e utilitárias; ainda a ser desvelado por linguagens artísticas ou pelo menos que se utilize de outras racionalidades, que não somente as hegemônicas e instituídas.

Neste sentido, o gesto é a expressão do imaginário nas escrituras do Corpo Biográfico, pois ele já é o resultado de como as memórias inscritas no corpo reverberaram no modo como cada acadêmica vem sendo e se tornando ao longo de seu trajeto formativo. E também na forma como cada uma interagiu no exercício de biografização corporal. Além disso, o gesto é, genuinamente, o Imaginário para Gilbert Durand (2002), por ser ele universal e atemporal. A linguagem imediata do gesto, a partir de um comprometimento e prontidão ao aqui-agora, foi detonadora à narrativa de si. Isto gerou a mobilidade corporal no espaço acadêmico, propiciando visibilizar um conjunto de elementos como imagens, símbolos, crenças, valores, sentimentos, afetos, que integram a biografia do corpo de cada uma delas.

O que queremos ressaltar com isto é que no corpo habita uma memória (corporizada), a qual se constitui num saber ser-fazer. Ela poderá ser ou não ser visibilizada através dos gestos. O importante é saber que ela está ali como um processo consciente ou não, mas certamente significativa.

Ao colocar o corpo em foco, outras percepções emergiram e, então, o elemento biográfico e formador cedeu lugar à possibilidade de entrar em contato com um tipo de conhecimento que emanou de si e conjugou uma história vivida e também uma história herdada. Este movimento pode ter feito disparar valorizações, desejos e também projetos, proporcionando um sentir/viver o corpo. Não seriam estes conteúdos também relevantes a serem abordados na formação inicial de professores? Pensamos e defendemos que sim, pois, ao ser conferido tamanha importância, proporcionou, por alguns momentos, uma desvinculação dos

paradigmas que atribuem *status* à supremacia da razão para abarcar a subjetividade que perpassa a conduta humana. Dando vazão, desse modo, para o universo simbólico das ações de cada indivíduo que vai do individual ao coletivo e repercute desde as escolhas de cada um até sua postura no contexto que está inserido.

A tudo isto designamos escrituras do Corpo Biográfico, que na Tese foi problematizada como imagens fundadoras e emergentes de narrativas de si, bem como narrativas do outro.

Percebe-se com isso que o investimento no que antes era desconhecido e um tanto inusitado, hoje se revela como mais um instrumento a contribuir nas pesquisas (auto)biográficas no que concerne à discussão da dimensão biográfica do corpo. Além disso, o que foi desenvolvido apresenta-se como uma possibilidade metodológica de inserção do corpo como um saber necessário à promoção de uma abordagem mais humana no contexto formativo, onde diferentes linguagens podem conversar.

Sendo assim, a contribuição do Imaginário (que tem na arte uma das suas fontes) como campo teórico ao conceito de Corpo Biográfico, proporciona uma abordagem que extrapola somente uma história individual, mas nos remete a pensar as conexões coletivas que nos habitam.

## REFERÊNCIAS

BOIS, Danis. Da fasciaterapia à somato-psicopedagogia. Análise biográfica do processo de surgimento de novas disciplinas. In: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc (Orgs.). **Sujeito sensível e renovação do eu**. As contribuições da fasciaterapia e da somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus: Centro Universitário São Camilo, 2008a.

\_\_\_\_\_. **O Eu Renovado**. Introdução à somato-psicopedagogia. São Paulo: Idéias & Letras, 2008b.

BOIS, Danis; RUGIRA, Jeanne-Marie. Relação com o corpo e narrativa de vida. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**. Pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. **Labirintos da memória**. Quem sou? São Paulo: Paulus, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; Vigarello, Georges. Prefácio à História do Corpo. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; Vigarello, Georges (Dir.). **História do Corpo 1**. Da renascença às Luzes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CREMA, Roberto. Prefácio. In: LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos**. Uma antropologia essencial. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro**. Provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2006.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

\_\_\_\_\_. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

GROTOWSKI, Jerzy; FLASZEN, Ludwik. **O Teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva: Edições SESC – SP, 2010.

IZQUIERDO, Ivan. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

\_\_\_\_\_. Memórias. **Estudos avançados** [online], São Paulo, v.3, n.6, p. 89-112, mai/ago 1989. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000200006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 12 de novembro de 2011.

JOSSO, Marie-Christine. As narrações do corpo nos relatos de vida e suas articulações com os vários níveis de profundidade do cuidado de si. In: VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). **Sentidos e potencialidades e usos da (auto)biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

\_\_\_\_\_. A Imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, L.M.V., EGGERT, E.; KUREK, D. L. (Orgs.) **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.

\_\_\_\_\_. As instâncias da expressão do biográfico singular plural. Junção de uma abordagem intelectual à abordagem sensível na busca de doações do Corpo Biográfico In: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc (Orgs.). **Sujeito sensível e renovação do eu**. As contribuições da fascioterapia e da

somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus: Centro Universitário São Camilo, 2008a.

\_\_\_\_\_. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.) **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008b.

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos**: uma antropologia essencial. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**. 2-Memórias e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1965.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. A dimensão performativa do gesto na prática docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 555-597, set./dez. 2010

QUERÉ, Nadine. Os vestígios da experiência. Para uma compreensão da engramagem corporal da história individual. O caminho de ressonância de um choque. In: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc (Orgs). **Sujeito sensível e renovação do eu**. As contribuições da fasciaterapia e da somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus: Centro Universitário São Camilo, 2008.

SINGER, Christiane. **Para onde você vai com tanta pressa, se o céu está em você?** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Gilbert Durand**. Imaginário e educação. Niterói: Intertexto, 2011.